

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO ESPÍRITO SANTO



Número Especial
2013

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO ESPÍRITO SANTO



Número Especial
2013

© INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO

Presidente: Getúlio Marcos Pereira Neves

Vice-Presidente: Paulo Stuck Moraes

2º Vice-Presidente: José Paulo Calmon Nogueira da Gama

3º Vice-Presidente: Victor Humberto Salviato Biasutti

4º Vice-Presidente: Gelson Loiola

Secretária Geral: Nádia Alcuri Campos

Secretário-Adjunto: Vinícius Muline dos Santos

Tesoureiro Geral: Aldo José Barroca

Conselho Fiscal: Fernando Antônio de Moraes Achiamé; Carlos Teixeira de Campos Junior; Humberto Del Maestro; Rogério Zanon da Silveira; Ricardo Brunow Costa e Jadir Peçanha Rostoldo.

Conselho Editorial: Getúlio Marcos Pereira Neves (coordenador); Adilson Vilaça; Estilague Ferreira dos Santos; Francisco Aurélio Ribeiro.

Projeto gráfico e editoração: Priscila Guarnier da Costa

IHGES

Av. República, 374, ed. Domingos Martins 1º andar, Parque Moscoso
Vitória - ES • CEP: 29.018-310

Contato: (27) 3223-5934 • e-mail: contato@ihges.com.br

www.ihges.com.br

Sumário

OS SÍMBOLOS DO INSTITUTO | 5

O Escudo do IHGES | 5

O Selo do IHGES | 7

EFEMÉRIDES DE 2013 | 8

1. *O Sequestro da Imagem de São Benedito: 180 anos de disputa entre Peroás e Caramurus* | 8

2. *200 anos da Fundação de Viana* | 9

3. *Centenário de Rubem Braga* | 10

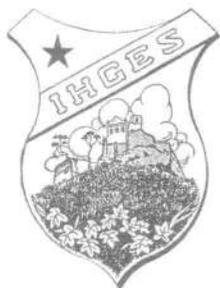
SESSÃO SOLENE DO MÊS DE JUNHO | 11

OS SÍMBOLOS DO INSTITUTO

O Estatuto do IHGES não prevê nenhum símbolo para sua identificação. No entanto, tradicionalmente se tem utilizado o escudo, em preto e branco, conforme se estabeleceu em reuniões de Diretoria.

Em 2009 foi instituído o selo, que deve constar obrigatoriamente nas publicações do IHGES, conforme Resolução nº 5, de 5 de agosto. Seguem informações mais detalhadas a respeito de ambos.

O escudo do IHGES



[...] A primeira revista do Instituto, editada em 1917, trás, em sua capa, um símbolo redondo, contendo uma imagem estilizada do Convento da Penha, mais à direita, com duas árvores à esquerda, sobre uma plataforma, com o morro abaixo, e folhas grandes, na parte inferior.

A revista número dois, editada apenas em 1922, já apresenta o escudo, tal e qual o conhecemos ainda hoje. Ficava evidente que, se oficializado, deveria ser antes de 1922.

Assim sendo, a ata datada de 18 de junho de 1921, foi a que primeiro tratou, oficialmente, do assunto. Deduz-se que já havia um escudo em uso, pois “que nada constando oficialmente quanto ao que ora está se usando¹”, pede o presidente Archimimo Martins de Mattos que a assembleia se pronuncie. É apresentado, então, pelo consócio José Espíndula Batalha Ribeiro, futuro presidente do Instituto, “um schema que consta de um escudo, tendo no claro superior, uma estrela representando o estado, no claro inferior a miniatura do antigo Convento da Penha, e uma faixa transversal com as iniciais I.H.G.E.S.”². Após o presidente de honra Antonio Francisco de

¹ Ata de 18.06.1921.

² ibdem.

Athayde historiar os motivos para a adoção desse escudo (os quais, infelizmente, não constam no corpo da ata), o presidente nomeia José Espíndula Batalha Ribeiro, Antonio Francisco de Athayde e Octávio Alves de Araújo “para resolver sobre o assumpto”³. [...]

Já na ata de 09 de Julho de 1921, Octávio Alves de Araújo reapresenta o mesmo escudo, mas com as iniciais I.H.G.E.E.S., na faixa transversal. Levino Chacon, então, sugere a supressão de um “E”, pois o nome oficial do Instituto não contempla “Estado”, como parte de seu nome. Sugere, também, que se aprove o modelo apresentado por Adolfo Fraga, que inclui “uma depressão côncava no alto e cortes nos extremos superiores”⁴. Posto em votação, são aprovadas as alterações propostas, mas Elpídio Pimentel sugere “o emblema voltar à comissão, afim dela apresentar um relatório explicativo das partes concernentes do emblema”⁵, o que é aceito. [...]

O relatório previsto, aparentemente, não foi apresentado, pelo menos, não em reunião registrada em ata (verificação até 1925). Se o foi, posteriormente, está perdido, pois não se localizou livros de atas no período seguinte.

Sem essa apresentação detalhada, nunca houve a inclusão do escudo (emblema, na época) no estatuto do Instituto. Essa descrição, provavelmente, determinaria as cores que teria tal escudo, vez que foi apresentado apenas em preto-e-branco, e assim permanece até a presente data, posto que foram oficializadas em 1982, quando do questionamento efetuado por Nilo Martins da Cunha, durante uma reunião: “levantou o problema sobre se o escudo é preto-e-branco ou colorido, ficando deliberado que é preto-e-branco, e será feito pelo secretário adjunto Elmo Elton”⁶. [...] A facção pelo secretário Elmo Elton, se concluída, nunca foi apresentada.

(MORAES, Paulo Stuck. Escudo do Instituto. *Revista do IHGES*, nº 63, 2009, p. 23/24)

³ ibdem.

⁴ Ata de 09.07.1921.

⁵ ibdem.

⁶ Ata de 09.03.1982.

O selo do IHGES



Aprovado na reunião de Diretoria de 05 de agosto de 2009, no mesmo ano foi cunhada medalha com o selo estampado em frente e verso. A Resolução que o institui é datada do mesmo dia da aprovação:

Resolução nº 05/2009

O Presidente do IHGES, na forma da letra g do art. 14 do Estatuto, tendo em vista o que dispõe o § 2º do art. 11 do mesmo diploma, e na forma de deliberação da Diretoria:

RESOLVE:

- 1) Instituir selo para símbolo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo;
- 2) O selo constará de dois campos em círculo, irmanados, contendo:
 - I – o primeiro, no campo central uma representação de Clio, Musa da História, rodeada pelos dísticos: “*PRO SCIENTIA FACERE*” na metade superior e “*SCRIPTA MANENT*” na metade inferior;
 - II – o segundo, no campo central, a inscrição “*INSTITUTUM HISTORICO GEOGRAPHICUM IN VICTORIA INSULA SANCTI ANTONII MCMXVI*”;
- 3) O selo deverá, obrigatoriamente, estampar as capas de publicações integrantes da política editorial do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Vitória, 05 de agosto de 2009.

1. O “sequestro” da Imagem de São Benedito: 180 Anos da disputa entre Peroás e Caramurus

Em setembro de 1833 deu-se em Vitória um acontecimento que conheceu muitos desdobramentos: por motivo de disputas religiosas, no dia 23 de setembro a imagem de São Benedito – venerado no Espírito Santo desde ao menos 1595 – foi retirada do Convento de São Francisco e levada para a Igreja do Rosário, no centro da capital.

Por muito tempo, em Vitória, guardou-se

“memória desses dias, dos dias em que a aparente falta de bom-senso de um sacerdote para lidar com os reflexos profanos das manifestações de fé e devoção do povo vitoriano gerou uma rivalidade que dividiu em duas facções toda a população da cidade, com reflexos não só nos festejos do santo (São Benedito, de sua devoção), mas também na política (a primeira Assembleia Provincial seria instalada três anos depois do incidente) e até mesmo nos esportes, na época posterior das concorridas regatas na Baía de Vitória” (Memórias da Ilha de Vitória, n.º 5: Peroás e Caramurus. Vitória, IHGES, 2004, p. 47/48).

Jair Dessaune, na mesma sede, descreve a ação furtiva dos que retiraram do Convento de São Francisco a imagem de São Benedito naquele dia 23 de setembro de 1833:

“Pelo Porto dos Padres vêm disfarçadamente três indivíduos, que passam para a rua da Lapa, sobem a ladeira dos Frades, também conhecida pelo nome de ladeira do Mestre Rafael, rumam para a igreja e rentes às paredes, entram ligeiro no templo e furtam o santo.

Antônio Mota, um africano, segura a imagem do santo de Palermo, e Elias de Abreu, um crioulo, estes dois libertos, juntamente com Domingos do Rosário, enrolam a imagem em uma toalha e fogem rapidamente, em aligeirada carreira.

Descem para os Pelames, tomam a rua do Piolho, e chegam, ofegantes da desabalada carreira, à ponte existente no Largo da Conceição [...]

Nem bem o trio atinge a mencionada ponte, começam a repicar os sinos do Rosário, e outros engrossam o bando, que se avoluma. Na igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde repicam os sinos festivamente, estão muitos irmãos da irmandade de Nossa Senhora dos Pretos, e maior número ainda de irmãos da irmandade de São Benedito, aqueles mesmos irmãos que tinham sido tão singularmente expulsos do convento de São Francisco, no ano anterior.

Do largo da Conceição à escadaria e ao adro da igreja, num pulo, os devotos caminham e, ao som de vivas e foguetes que sobem ao ar, é o glorioso São Benedito recebido e guardado naquele templo”.

2. 200 anos da fundação de Viana

Em 1813, com a vinda dos primeiros casais de açorianos para região do rio Santo Agostinho, inicia-se o ciclo de imigração para o Espírito Santo, com o fim de povoar as terras da então capitania e incrementar-lhe a economia.

Basílio Carvalho Daemon assim registra o acontecimento em sua crônica (*Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística*, 2ª ed., pág. 270):

“É fundada a 15 de fevereiro deste ano pelo incansável governador Rubim, no sertão ao norte e à margem do rio Santo Agostinho, a povoação de Viana, hoje vila, levantando-se para esse fim uma planta topográfica; foram ali situados os primeiros colonos vindos dos Açores para esta hoje província a mandado do intendente geral de polícia Paulo Fernandes Viana, de quem hoje a vila tomou o nome; sendo os mesmos ali instalados, principiaram a cultivar os terrenos, dando princípio a povoarem-se aqueles lugares; homens de bons costumes foram um grande auxílio à lavoura, tendo muitos feito fortuna, existindo ainda alguns afazendados e sempre benquistos”.

3. Centenário de Rubem Braga

Este ano marca o centenário de nascimento do jornalista cachoeirense Rubem Braga, nascido a 12 de janeiro de 1913. Considerado um dos maiores escritores do Brasil, é voz corrente que Braga elevou a crônica jornalística ao *status* de gênero literário.

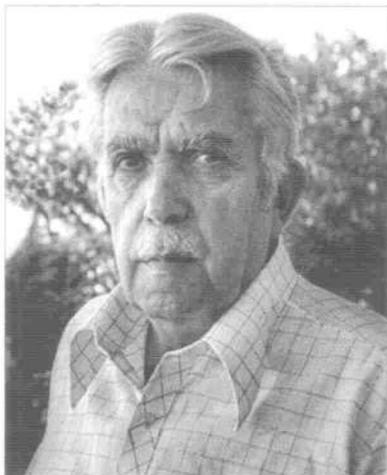
Entre os inúmeros livros que publicou, de recolhas de suas crônicas nas diversas fases de sua vida jornalística, é de destacar, pelo interesse do registro histórico de fatos, *Crônicas da Guerra na*

Itália, publicado, inclusive, pela Biblioteca do Exército Editora, o que atesta a importância dos textos como relato histórico de fatos na campanha brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Rubem Braga sempre se referiu a si mesmo como capixaba e cachoeirense, e com seus escritos contribuindo para tornar mais conhecidas as coisas do Espírito Santo fora daqui. De interesse imediato para nós registre-se que em 1984 foram reunidas num só volume as suas *Crônicas do Espírito Santo*, cuja primeira edição foi tirada pela SEDU e Fundação Ceciliano Abel de Almeida. *Viagem Capixaba de Carybé e Rubem Braga*, publicado em 1981, traz ilustrações do artista plástico argentino, radicado na Bahia, para textos de Braga.

Ambos os títulos são de interesse como retratos de uma época, servindo, portanto, de referência a pesquisadores, isso além de seu interesse afetivo para todos os capixabas.

Diversas atividades foram programadas, a nível estadual e municipal, em Cachoeiro de Itapemirim, para marcar condignamente a data. Exposição nacional foi inaugurada no Palácio Anchieta, tendo permanecido aberta para visitação pública entre os meses de janeiro e maio.



A SESSÃO SOLENE DO MÊS DE JUNHO

Por imposição estatutária, todos os anos, em Junho, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo deve realizar uma sessão solene, no dia 12 ou data próxima, constando da pauta (art. 10, § 3.º do Estatuto):

- 1) festejar o aniversário do IHGES, fundado em 12 de junho de 1916;
- 2) render homenagem aos sócios falecidos no ano anterior;
- 3) render homenagem ao Patrono Cívico do IHGES, o herói capixaba Domingos José Martins.

Por disposição expressa no Regimento Interno (art. 10, alínea “b”), trata-se de reunião solene, na qual se dará posse aos associados admitidos em Assembleia Geral Ordinária.

Os elogios, ao Patrono e aos associados desaparecidos no período, bem como a recepção aos novos associados, ficam a cargo do Orador, conforme dispõe o art. 21 do Estatuto.

Esta reunião solene é a ocasião mais adequada para homenagens diversas, já que o mesmo art. 10, alínea “b”, do Regimento Interno, a destina, também, para “comemoração de eventos importantes”.

Desde 2009 é nesta sessão solene que se faz a entrega da Medalha do Mérito Cultural Renato Pacheco aos agraciados pela Diretoria.



Este número especial foi composto com a fonte Minion Pro corpo 11/16, no miolo, e 13/16 nos títulos. A impressão do miolo foi feita em papel couché fosco 115 g/m² e para a capa foi utilizado o papel Cartão Duplex 250 g/m².
Impresso na Gráfica JEP, Vitória-ES, em Junho de 2013. Tiragem: 200 exemplares

IHGES
INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO